

## A revolução sem armas de um seringueiro

Zuenir Ventura

XAPURI, AC — Às 6 da tarde, a temperatura cai bastante em Xapuri e uma inesperada primavera parece quebrar a monotonia de um clima que serve as quatro estações em apenas duas doses por ano: calor com água no inverno e puro no verão. Nessa hora, a praça da Igreja seria um paraíso, se essa não fosse também a hora escolhida pelos mosquitos para saírem à rua. Mas os mosquitos da Amazônia lembram um pouco a poluição das praias cariocas. Quem chega acha que a convivência é impossível; depois se acostuma ou cria anticorpos. É bem verdade que até criar essas defesas, haja sangue.

Às 6 horas da tarde de domingo, 10 de abril, um show fazia esquecer os mosquitos. Reunidos em frente à Igreja, uns 15 seringueiros, na maioria jovens de 20, 20 e poucos anos, faziam uma alegre algazarra. Riem, brincam e contam *causos* e lendas da região, como as histórias do Caboclinho da Mata, que fiscaliza a caça, e a Mulher da Seringueira, que protege a seringa, exigindo que ela seja corretamente sangrada. Em defesa da mata, os dois são capazes até de matar os pedradores. Como se vê, são, *avant-la-lettre*, entidades mitológicas ambientalistas, cuja consciência-preservacionista deve fazer a alegria dos ecologistas.

A história de maior sucesso daqueles monitores do Projeto Seringueiro ali reunidos é a de Almir Ferreira Sena, 24 anos, do Seringal Nazaré, distante de Xapuri 9 horas "de pé, pelo varadouro". Ele é um contador de fazer inveja a Chico Anysio e de lembrar Guimarães Rosa. Com seu próprio caso, Almir ilustrava a informação de que a maioria dos casamentos nos seringais é feita com o roubo da moça pelo pretendente. É uma sábia prática: em que todo mundo faz de conta: o rapaz finge que está roubando, a moça faz de bônta que está sendo obrigada a fugir e o pai simula uma grande indignação. Há mais ou menos quatro anos, Almir fez o roubo de Graciete, assim:

"Eu saí. A varação cerrada e eu nunca tinha andado. Hora e meia sem ninguém. Sai, sai, sai, quando deu um negócio de cinco e meia eu cheguei. Formando umas nuvenzinhas baixas, relâmpago cortando, fiquei no pé da cerca. Esperando. Nisso à tarde, ele (o pai) tinha saído pro Deserto, mais o João Sena. Ai eu fiquei. Lá vem o tempo. Chuva, trovão e relâmpago, eu corro pra dentro de um galpão. Na minha viagem um boi anda corre atrás de mim, eu sai das tontonas, abri a porta do paiol quase na marra, passei pra ele num me pegou nas pontas. Ai fiquei lá, e chuva, chuva, chuva e chuva, grossa chega estrondava. Agora é o que dá. Vou dormir em cima desse arroz, de madrugada vou mimborar, eu cum lanterna e tudo, espingarda. Quando deu oito e meia, parou a chuva. Digo 'Ah! vou já pro portão de novo', só chuveiro um poquinho. Ai eu lá fui pra porteira, ai eu cheguei lá e dei uma de misterioso. Me atôquei, a chuva tinha passado assim, tava a areia mojada, eu foquei pra vé-se tinha rastro, tinha um rastro de sandália. Eu disse 'ela já passou aqui? Será?' Mas deixei que ela tinha vindo e voltado. Eu fiquei ali. Um chuveirinho ali e eu ali de coca, com um fritão! Um pedaço lá envinha. Ai chegou ai eu foquei. Ai sim, passei num bem encostadinho na casa, passei beirando num igarapé, com água, assim nos peito, tudo molhado, parecia um pato velho. Cheguei em casa onze e meia da noite."

O problema é que no dia seguinte, um domingo, Almir tinha uma reunião na igreja evangélica com, entre outros, seu Zé, o pai da noiva.

"Ele se virou pra mim, bateu no meu ombro, disse: 'Almir, tu carregou Graciete?' Ai eu baixei a cabeça, quase acho graça e disse assim: 'E num foi?' Ai ele respondeu pra mim: 'Eu sabia que tu num ia fazer que nem home, Almir'. Digo: 'Isso mesmo, eu posto até nem ter feito que nem home, mas fiz exatamente que nem você quando quis casa com dona Maria.'"

A professora Regina Hara havia dito que a figura mais interessante do Projeto Seringueiro era Francisco de Assis Monteiro de Oliveira, nascido há 30 anos na Bolívia, Seringal Marina, Colocação São Francisco, e hoje presidente da Cooperativa das Reservas Extrativistas. Regina, uma professora paulista, acompanha o PS há seis anos, desde o começo, e com Maria Lúcia Martins, uma matemática, e Nieta Lindemberg, um doutora em Línguas, estavam preparando os monitores.

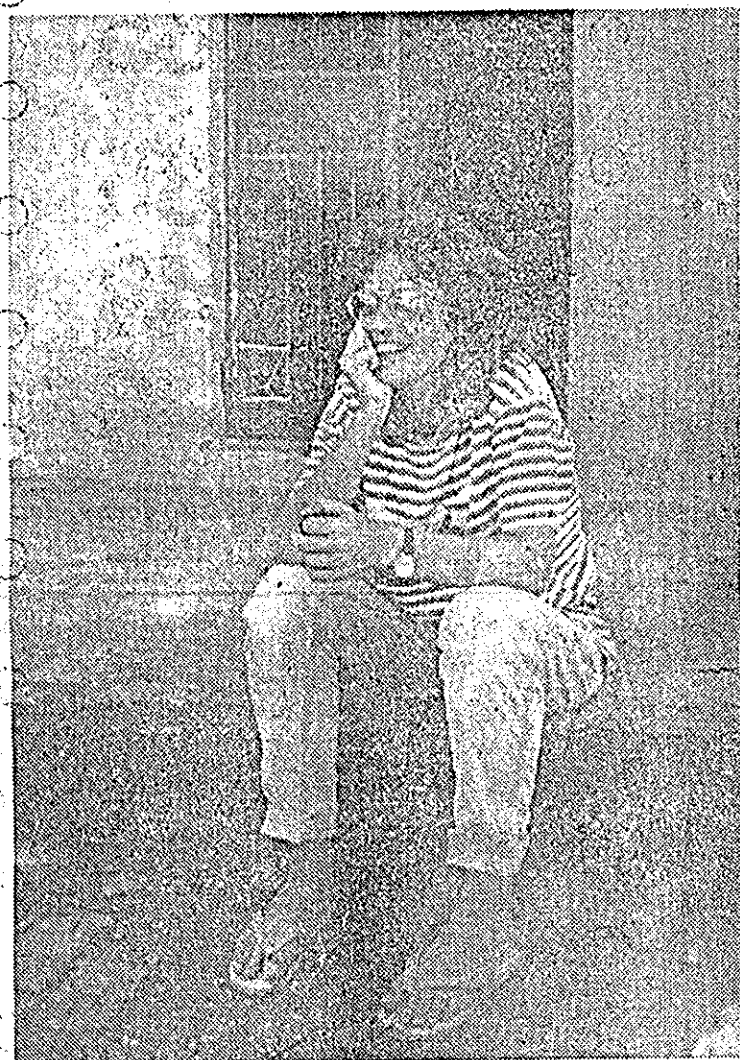
Assis é uma espécie de mestre de todos. Cada monitor aprendeu um pouco com ele. Uma entrevista ali mesmo na praça revela que aquele caboclo inteligente, magro, casado duas vezes e pai de três filhos, é uma enciclopédia de sua gente e talvez o herdeiro mais autêntico da obra de Chico Mendes — não no que ela tem de político, porque nesse campo cada um se julga um herdeiro, mas no que ela tem de pedagogia, de plantação de idéias.

Além de presidente da Cooperativa e, como professor, formador da consciência de seus companheiros, ele é também Agente de Saúde, uma figura criada pelo Projeto para ocupar o espaço dos inexistentes médicos e melhorar, por exemplo, os conhecimentos empíricos das parteras. Numa comunidade extremamente fértil, cujas famílias geram freqüentemente 10, 12 filhos, pode-se imaginar a importância desses

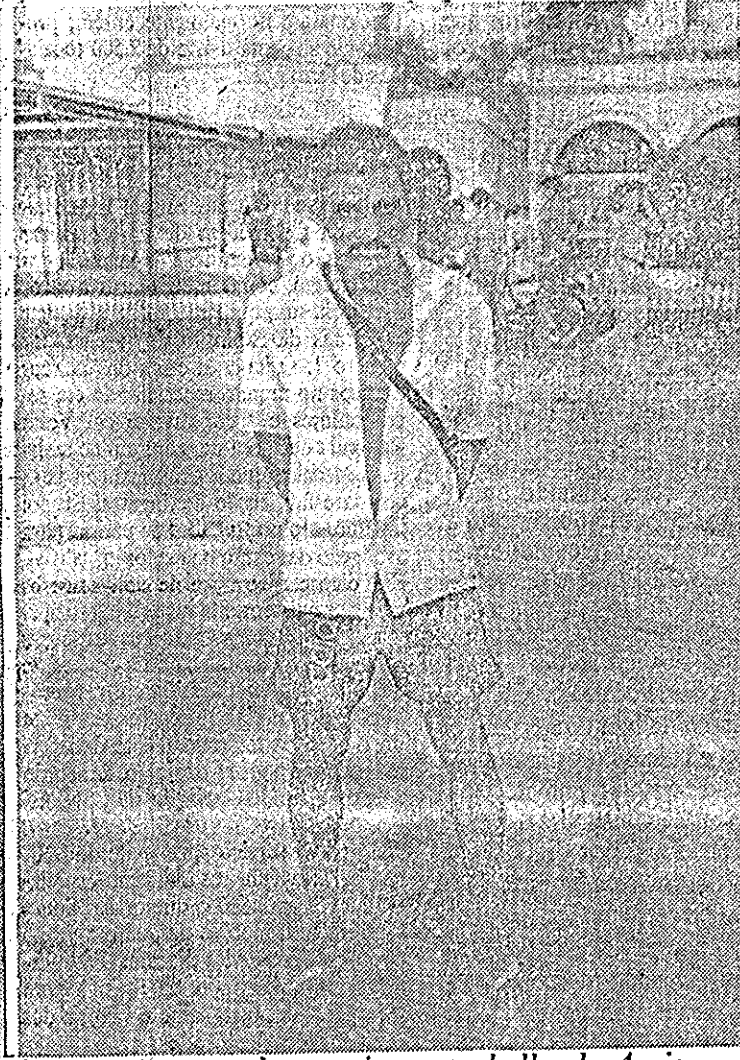
# O Acre de Chico Mendes — VI



Alcino, Assis, Raimundo e o pai Luiz Tarjino no Centro dos Trabalhadores da Amazônia: continuando a obra de Chico Mendes



Há 6 anos a professora Regina acompanha o Projeto Seringueiro, que deve muito ao trabalho de Assis



agentes, que se preparam fazendo estágios em hospitais. A eficiência do aprendizado podia ser comprovada ali na praça, pelo jovem Jorge Antônio Alves: uma motosserra fizera-lhe um rasgo na perna e ele mesmo havia costurado.

Assis é capaz de manter uma sofisticada discussão de metodologia sobre o método de alfabetização, como pode falar da moral do seringueiro, dos seus preconceitos, do seu machismo, da aids ou do modo de produção mais adequado para a borracha.

O seu discurso é recheado de categorias culturalmente refinadas, mas não chega a soar pedante porque é pronunciado com segurança e com os erros gramaticais de quem incorporou novos saberes sem adulterar os originais. É o discurso de quem é capaz de ir aos Estados Unidos discutir com os gringos, como fez recentemente em companhia de Iizamar, e voltar para tratar dos doentes no mato, cortar seringa e, agora, presidir o Sindicato. Naquela noite, a melhor ilustração para a fertilidade da família seringueira foi dada por ele, com divertida imprecisão:

Lá em casa nós somos nove, parece que é nove; o meu tio Doca tem mais ou menos uns dez; tio Pedro sozinho deve ter uns 12; a tia Maria deve ter na média de uns 8 a 9, por ai; o tio João tem uns 9 ou 10; tia Naninha tem seus 8, por ai.

Assis contou o trabalho que os agentes tiveram para, "sem violência e tradição", conscientizar a população da floresta, principalmente as parteras e os curadores, de que há certas doenças que não se curam com reza, como o mal de sétimo dia. A falta de esterilização das tesouras na hora de cortar o cordão umbilical fazia com que uma das causas mortais mais freqüentes nos nascimentos fosse o tétano, que em geral se manifestava no sétimo dia após o parto, daí o nome popular.

O Projeto, em seis anos, construiu 23 escolas, sete a mais do que o município em mais de um século. Essa iniciativa, no plano da educação, e a Cooperativa, em termos econômicos, criaram em Xapuri um modelo que pode se estender a todo o estado ou a toda a Amazônia, como sonhava Chico Mendes.

A Cooperativa — explica Assis — substituiu a figura do marreteiro, que tomou o lugar dos patrões e controlava todo o ciclo: ditava o preço da borracha, que comprava, e das mercadorias, que em troca vendia.

Assis informou que a Cooperativa já havia comprado a borracha dos seringueiros este ano e só não havia feito o mesmo com a castanha por falta de capital de giro. Fora isso, o apoio era integral, segundo ele:

— Quem não gosta da Cooperativa, quem faz propaganda contra é justamente a figura do marreteiro, que substituiu o patrão na exploração do seringueiro.

Ao lançar a ideia das Reservas Extrativistas, Chico Mendes sabia que era preciso estabelecer uma base econômica forte. Ele dizia:

— Uma política estratégica do governo e dos grandes fazendeiros é deixar o seringueiro em total miséria, lá no meio da mata; para que ele se desestimule e venha para a cidade.

Chico acreditava tanto nas cooperativas que, naqueles seus surtos visionários, as via se alastrando pelo Vale do Acre, pelo Vale do Juruá, por todo o estado e por toda a Amazônia. "Sabemos que vai levar tempo, mas nós vamos chegar lá."

Algumas autoridades com quem conversamos, inclusive o governador, não fazem muita fé na viabilidade da Cooperativa. Aliás, não fazem fé na própria viabilidade econômica da atividade extrativista tal como é exercida, de maneira artesanal, sem o apoio de culturas perenes, sem subsídios do governo. O argumento deles é forte. Distantes dos centros de beneficiamento da borracha, sem uma política nacional de sustentação dos preços, sem incentivo, o seringueiro seria uma espécie em extinção.

Aquelas 70 mil sementes de seringa, que um certo inglês contrabandeou há cerca de 100 anos para a Malásia e que 40 anos depois acabaram derrubando o preço do produto brasileiro no mercado internacional, seriam ainda as responsáveis.

— Para você ter uma ideia — disse o governador Flaviano —, a borracha da Malásia chega aqui, no Acre, 50% mais barata do que a nossa.

Essa é uma longa discussão porque, ainda que se admita a decadência da borracha, o produto continua sendo a maior fonte de recursos do Estado. Ela sozinha representa 60% na arrecadação estadual — a castanha 10% —, enquanto a agropecuária, que dá poder político de vida e morte aos fazendeiros, não representa mais do que 5%.

Menos discutível que o valor econômico de cada produto é a semente que Chico lançou na consciência dos seringueiros. Ele semeou na cabeça de Assis, de muitos Assises, uma ideia que cresce mais rápido do que qualquer seringa ou castanheira — a consciência da dignidade.

Depois da reunião na praça, fomos para o prédio do antigo Projeto Rondon, onde numa pequena sala desconfortável e calorosa, a professora Regina Hara ia gravar uma sessão de avaliação do Projeto Seringueiro com dois monitores do curso: Adalci de Ferreira de Moraes, 20 anos, e Alcino Monteiro de Oliveira, de 25, ambos professores da Escola Nova Esperança, do seringal do mesmo nome.

Durante umas duas horas, os dois analisaram métodos de ensino, relataram a impressão dos seus 40 alunos que às vezes andam oito, dez horas para assistirem a uma aula, discutiram palavras geradoras, quadro de descoberta, enfim, categorias que deixariam Paulo Freire orgulhoso, embora o seu método tenha sofrido aqui algumas atualizações.

Em 64, o golpe militar desbaratou o Plano Nacional de Alfabetização, de Freire, expulsou o autor para o exílio, perseguiu seus colaboradores, acreditou enfim que tinha matado aquele vírus subversivo feito de palavras e idéias. Se houver ainda vivo algum remanescente daquela caçada a Paulo Freire, saiba que o seu plano vive nas matas da Amazônia.

Naquela noite, o que mais agradava os dois monitores nessa atividade de aprender e ensinar era a sua importância prática.

— Antes, o fazendeiro chegava com o papel e mandava assinar. No dia seguinte vinha a intimação. Agora, não, quando manda assinar a gente pega o papel e vê o que ele está contando. A gente então decide se pode assinar ou não.

Eu não agüentava mais de calor e de sono, a estóica professora paulista também dava sinais de cansaço e aqueles dois jovens, que costumam acordar às 3 horas da madrugada, tinham a animação de um forró. Não queriam acabar de contar suas experiências pedagógicas, principalmente Alcino, um incansável falante:

— Se não fosse a escola, o movimento acabava findando. O assassinato de Chico Mendes é um exemplo. A gente tá educando os que ficam. Quando tomba um que está na frente, surgem outros. O fazendeiro acha que quando acaba com um na frente, acaba com o

movimento. Mas agora, se tomba um, vem outro.

Assim escrito, pode parecer um discurso político, retórico, mas não era. Alcino falava com a mesma serenidade com que momentos antes explicara as vantagens do método da professora Maria Lúcia de ensinar matemática — um jogo de peças de encaixe, em cores variadas, lúdico, capaz de explicar a teoria dos conjuntos ou coisa assim. A tarde eu não conseguia entender. Alcino me humilhava.

Em 1980, quando assassinaram Wilson Pinheiro, em Brasília, primeiro grande líder seringueiro da região, o movimento quase acabou. Haviã sobrado dois líderes — Chico Mendes e Raimundo de Barros, seu primo —, ambos marcados para morrer. Se pegassem os dois, o movimento estaria extinto.

Depois de passar 90 noites dormindo em lugares diferentes, Chico chamou então Raimundo e propôs que, a partir daquele dia, eles não andassem mais juntos: "Agora, cada um de nós vai ter a missão e o compromisso de formar lideranças nas áreas de atuação."

Realista, Chico explicou para o companheiro:

— Se te matam, eu vou manter o movimento com outros companheiros; se me matam, você vai tocar o movimento com os companheiros.

Pouco antes de morrer, Chico Mendes teve a alegria de poder dizer:

— Hoje, pelo menos, eu não tenho mais aquele frio, eu não tenho mais aquele medo de morrer e o movimento parar.

Me lembrei de outra frase de Chico em que ele dizia que, além desse trabalho de conscientização, contava apenas com duas armas: a pressão internacional e a pressão da sociedade brasileira. A primeira, ele conseguira de maneira absolutamente genial. Em janeiro de 87, Chico conseguiu que uma comissão da ONU viesse ao Acre observar a luta dos seringueiros contra o desmatamento dos fazendeiros. Os visitantes ficaram chocados, e mais ainda quando ouviram de Chico a informação de que aquilo era "o resultado dos projetos financiados pelos bancos internacionais".

A demonstração foi convincente. Em março do mesmo ano, a ONU e as entidades ambientalistas americanas convidaram Chico para participar da reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento em Miami. "Eu fui sabendo que estava em território inimigo", contaria depois. De fato, o presidente do Banco Central do Brasil conseguiu inicialmente barrar a entrada do seu compatriota.

Qualquer mortal comum nessa situação protestaria, denunciaria a discriminação pelos jornais, mas não entraria. Chico achava que o importante era entrar. Teve então uma daquelas pequenas inspirações que distinguem uma pessoa excepcional: descolou com a imprensa americana, já sua amiga, uma credencial de jornalista e entrou. "Entre e denunciou para vários diretores executivos do BID, o que estava sendo feito na Amazônia".

Em função disso, no dia 28 de março, Chico era recebido pela comissão de verbas do Senado dos Estados Unidos, carregando documentos que provavam as consequências que o desmatamento, com a abertura da estrada financiada pelo BID, estava causando. O seu raciocínio era lógico como a cabeça de um seringueiro: o desmatamento é provocado pela estrada financiada pelo BID. Logo, o BID estava financiando o desmatamento. No dia 2 de abril de 1987, o BID suspendia o resto do desembolso para o asfaltamento da estrada.

Quando saímos da reunião de avaliação, já era quase meia-noite. O ar fresco da noite e a descoberta de que Alcino é irmão de Assis e ambos filhos de Luiz Tarjino de Oliveira — um bravo seringueiro de 56 anos, dos mais antigos companheiros de Chico, que hoje garante a vida do ex-padre Gilson Pescador com uma 38 — me deram a sensação de que eu começava a descobrir porque mataram Chico Mendes. Chico estava realizando uma Revolução, a única possível nesses tempos: sem armas — ou melhor, com as suas armas.